



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9131 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

Aquisição da linguagem escrita e imaginação infantil: reflexões a partir da perspectiva histórico-cultural

Daniele Pampanini Dias - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Ana Luiza Bustamante Smolka - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA E IMAGINAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir as inter-relações entre o processo inicial de aquisição da linguagem escrita e o desenvolvimento da imaginação infantil. Sustentadas teórica e metodologicamente na perspectiva histórico-cultural, buscamos argumentar a favor de práticas de leitura e escrita enquanto possibilidade de exercício imaginativo pela criança e de abertura à produção do novo. Para tanto, apresentamos as observações e as produções textuais de alunos de uma turma do 1º ano do ensino fundamental, durante o ano de 2019, de uma escola pública municipal do interior do estado de São Paulo. As primeiras análises dos registros empíricos indicam que o domínio da escrita amplia a atividade criadora da criança, inspirando-a a colocar a vida, os pensamentos e os sentimentos em palavras, dando a ela a oportunidade de inventar, por meio da escrita, outras realidades, além de possibilitar novos modos sociais de conhecer, pensar, agir, sentir e elaborar o conhecimento humano. O trabalho investigativo aponta, assim, para as implicações de uma proposta pedagógica preocupada e orientada para as possibilidades de criação humana, em momentos iniciais de apropriação da forma escrita de linguagem.

Palavras-chave: linguagem escrita; imaginação; desenvolvimento humano; escola; perspectiva histórico-cultural

Dados da primeira metade do século XX, os escritos de Lev Semionovitch Vigotski até hoje mobilizam fecundos diálogos com o campo da educação. Situada em um contexto histórico marcado pela efervescência política e social de uma Rússia pós-revolução, sua obra traz uma instigante e significativa contribuição para pensarmos o papel das relações de ensino, da escola, do conhecimento científico e escolar, no processo de desenvolvimento humano. Desde a publicação de *Psicologia Pedagógica*, em 1926, um manual dirigido aos professores, até a sua prematura morte, encontramos nos textos de Vigotski, do ponto de vista da psicologia do desenvolvimento, importantes reflexões e análises sobre o trabalho educativo.

No que diz respeito, especificamente, às questões relacionadas à alfabetização, consideramos que os seus estudos apresentam relevantes concepções para o que vem a ser o trabalho de ensinar a escrita à criança, bem como o que significa a aprendizagem da atividade de escritura no curso do desenvolvimento infantil. Uma rápida pesquisa em base de dados oferece um panorama de como o seu pensamento tem impactado fortemente as pesquisas acadêmicas e práticas pedagógicas, nacionais e internacionais, desde que sua produção começou a ser divulgada no Ocidente e, particularmente nas últimas décadas, em que novas e inéditas traduções ainda têm chegado até nós.

Mas quais são as implicações de seus escritos na contemporaneidade? Como ecoam no contexto histórico atual? O que da teoria histórico-cultural podemos assumir hoje? É movido mais amplamente por estes questionamentos, que este trabalho investigativo de um doutorado em andamento se realiza. Se considerarmos, ainda, a conjuntura política, educacional e econômica do Brasil destes tempos tão contraditórios, recorrer e reiterar os constructos teóricos de Vigotski coloca-se como um exercício de enfrentamento necessário à educação pública do país.

Para tanto, propomo-nos a tecer algumas reflexões sobre a proposta de produção textual de crianças em fase inicial de alfabetização, com a intenção de problematizar tais produções escritas infantis à luz das discussões vigotskianas acerca do desenvolvimento da linguagem escrita e imaginação criadora. Sustentadas teórica e metodologicamente nos princípios da perspectiva histórico-cultural, defendemos o trabalho pedagógico que, desde os primeiros momentos de constituição e apropriação de práticas de leitura e escritura, convida a criança a ver nestas uma possibilidade de exercício imaginativo e de abertura à produção do novo.

Assumimos, portanto, o pressuposto da *natureza histórica e social do desenvolvimento humano* (VYGOTSKI, 2012a); a compreensão de que a condição humana, tudo aquilo que nos faz humanos (pensamento, atenção voluntária, linguagem, imaginação etc.), só é possível graças às relações sociais que estabelecemos com os nossos pares e pelas (trans)formações dos processos psicológicos operadas pela apropriação da cultura por cada indivíduo, o que pressupõe a interação com o outro e a mediação dos instrumentos técnicos-semióticos, isto é, a totalidade de meios inventados pelo homem para agir sobre o mundo e sobre eles mesmos e criar, assim, suas condições de existência (PINO, 2003). Dessa forma, a partir da vivência em sala de aula com uma turma de 1º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal, e das observações e análises dos textos de algumas crianças, buscamos indagar sobre o movimento inicial de apropriação da forma escrita de linguagem e pontuar suas inter-relações com a imaginação, do modo como esta atua e participa das primeiras elaborações escritas das crianças.

Em suas proposições teóricas, Vigotski (2012b) indica que a emergência de *novas formações* altera significativamente o funcionamento mental do ser humano, dentre as quais, na idade escolar, podemos destacar a linguagem escrita (VIGOTSKI, 1988). Segundo o teórico, o processo de aprender a escrever ativa uma fase de desenvolvimento dos processos psíquicos inteiramente nova e muito complexa, que origina uma mudança radical no desenvolvimento cultural da criança (VIGOTSKI, 1988). Nesse sentido, perguntamos: o que a aquisição da linguagem escrita promove, produz – altera? – em termos de desenvolvimento das funções psicológicas superiores?

Em *Conferências sobre Psicologia*, mais precisamente ao tratar da imaginação e seu desenvolvimento na idade infantil, Vygotski (2014) discute as relações entre o desenvolvimento da linguagem e imaginação, argumentando sobre a dependência desta em relação àquela: “de hecho, las investigaciones han puesto de manifiesto que en el desarrollo

de la imaginación infantil se da un gran paso precisamente en relación directa con la asimilación del lenguaje [...]” (VYGOTSKI, 2014, p. 431).

Aos leitores e estudiosos da obra de Vigotski, é evidente a importância que o autor dá para a aquisição da linguagem no processo de constituição e desenvolvimento do ser humano. É ela que permite à criança outras formas de relação no meio social, afetando todo o seu funcionamento psíquico. Mas qual o “lugar” da escrita nessas novas elaborações psíquicas e novos modos de participação social? Qual sua especificidade? Se considerarmos a aquisição da forma escrita de linguagem, que relações podemos estabelecer entre linguagem e imaginação infantil? O domínio da escrita pela criança possibilita novas e mais complexas formas de elaborações do pensamento, de imaginação e criatividade?

No nosso entendimento, quando a criança aprende a ler e escrever ocorre uma mudança significativa no lugar ocupado por ela nas relações sociais estabelecidas; e essas mudanças nas relações interpessoais, por sua vez, também produzem alterações e novas conexões em termos de desenvolvimento intrapessoal. Conforme afirma Vygotski (2012a),

El lenguaje escrito se comprende a través del oral, pero ese cambio se va acortando poco a poco; el eslabón intermedio, que es el lenguaje oral, desaparece y el lenguaje escrito se hace directamente simbólico, percibido del mismo modo, que el lenguaje oral. Basta con imaginarse *el inmenso viraje que se produce en todo el desarrollo cultural del niño gracias a su dominio del lenguaje escrito*, gracias a la posibilidad de leer y por consiguiente, enriquecerse con todas las creaciones del genio humano en el terreno de la palabra escrita para comprender el *momento decisivo que vive el niño cuando descubre la escritura* (VYGOTSKI, 2012a, p. 197-198, grifo nosso).

Ressalta-se, no entanto, que quando falamos de linguagem escrita, é preciso ter em mente a crítica que Vygotski (2012a) realiza sobre a prática escolar de sua época – a qual poderia ser recolocada nos dias de hoje – e a conclusão que chega de que *ensinar a traçar letras e formar palavras não significa ensinar a linguagem escrita à criança*. Sendo assim, se partimos de uma abordagem histórico-cultural, o que significa o ensino da linguagem escrita? O que diferencia e distancia o mero traçado de palavras da linguagem propriamente dita? O que faz da proposta de registro escrito, a ser grafado no papel, aprendizado da linguagem?

Para pensar sobre estas questões, vale citar a analogia que Vigotski apresenta neste mesmo texto com o aprender a tocar piano, muitas vezes visto como dependente de uma simples habilidade técnica: “[...] el alumno desarrolla la agilidad de sus dedos y aprende, leyendo las notas, a tocar las teclas pero no lo introducen en la *naturaleza de la música*” (VYGOTSKI, 2012a, p. 183, grifo nosso). Tal paralelo do autor com a arte é muito representativo e significativo para se problematizar o ensino da linguagem escrita. Afinal, qual seria, por exemplo, “la naturaleza” da forma escrita de linguagem? Quais são os modos de inserção e participação da criança nessa forma de produção humana, neste sistema simbólico/semiótico específico da sociedade letrada? Linguagem escrita: emergência de um novo modo – socialmente construído, ensinado e valorizado – de expressão e comunicação do pensamento? De formas de interação? De significação da experiência?

Certo é que o ato de escrever não corresponde a um simples hábito motor determinado, nem muito menos a mera transcrição fonética; não se trata, unicamente, de

grafar o que se fala. Ao se assumir a perspectiva vigotskiana, o escrever torna-se mais dinâmico e muito mais complexo do que isso. Por essa razão, seu ensino deve ser organizado de uma outra maneira. Vygotski (2012a) é contundente em seus apontamentos e esclarece-nos o quanto o exercício da escrita pela criança em processo inicial de alfabetização não deve ser visto como algo puramente mecânico, dependente apenas de uma habilidade motora ou fonética para ser realizado, por se tratar na verdade de uma *atividade cultural complexa*, que vai muito além do simples domínio da técnica.

Mas quais fatores – psíquicos? culturais? – nos tornam capazes de escrever? Quais aspectos *motivam* a criança para a escrita? De acordo com Vigotski (2009), como na escrita os motivos são mais abstratos, intelectualizados, distantes das necessidades imediatas, e somos obrigados a criar uma situação – o que exige um distanciamento da situação real –, quando a criança começa a aprender a escrever, percebe-se uma fraca motivação por parte dela; ela não vê necessidade ou uma clareza de sua utilidade (VIGOTSKI, 2009). Por isso, o teórico defende que o ensino deve ser organizado de forma que a escrita seja *necessária* de algum modo para a criança; ressalta, assim, a importância de que ela tenha *sentido* para os aprendizes, que possa ser provocada por uma *necessidade natural*, como uma *tarefa vital essencial* (VYGOTSKI, 2012a). Como, então, sensibilizar e provocar a criança para o uso abundante e imaginativo da escrita?

Das experiências com uma turma de 1º ano, durante o ano de 2019 em uma cidade do interior do estado de São Paulo; imersa na prática e reflexão diária acerca dos modos, estratégias, possibilidades e formas de intervenção para alfabetizar as crianças; na realização de uma proposta de trabalho pedagógico orientado para a experiência criadora infantil, que procura enfatizar a “livre expressão” da criança, isto é, a produção escrita a partir da sua vivência, e assumir a literatura como eixo fundamental; é possível acompanhar um movimento de transformação nos modos das crianças operarem com a palavra e de se expressarem imaginativa e criativamente com ela.

Tomando como ponto de partida os registros que temos – das produções das crianças; do diário de campo; de alguns *flashes* em videogravações – e as inquietações provocadas e narradas pela experiência de ser professora-pesquisadora de crianças ingressantes no ensino fundamental, interessa-nos compreender o que a escrita é capaz de viabilizar/redimensionar em termos de trabalho simbólico; como essa nova e mais complexa forma de atividade pode afetar a imaginação da criança; o quanto *amplia, potencializa, redimensiona, dá outros e novos sentidos* aos processos criativos da criança. Ou seja, é sob o prisma da imaginação que pretendemos olhar para as produções escritas infantis, buscando apreender as inter-relações entre esses processos no desenvolvimento cultural da criança.

Para esta apresentação, selecionamos as elaborações escritas de três crianças, no decorrer do ano de 2019. Retomando os registros que temos, vemos que ao entrar no 1º ano a maioria das crianças ainda desconheciam as letras, demonstrando estar em movimento muito inicial de apropriação da função da escrita. Contudo, das suas primeiras produções, feitas nos primeiros meses do ano letivo, para aquelas realizadas mais ao final, período em que as crianças foram consolidando a aquisição da linguagem escrita, bem como ampliando seu repertório de leitura da literatura, observamos uma mudança significativa na atividade criadora das crianças.

Em nossa busca por acompanhar os modos de apropriação da escrita pelas crianças, nosso esforço analítico se concentra em três pontos: 1. nos usos criativos que as crianças fazem da forma escrita de linguagem, no movimento de colocar a vida, pensamentos e sentimentos em palavras escritas; 2. nas posições que as crianças assumem no trabalho de escritura: escritora, autora, narradora, inventora, protagonista etc.; e 3. na produção escrita

indicativa da atividade imaginativa e criadora das crianças.

Referências Bibliográficas

PINO, A. Técnica e semiótica na era da informática. **Contrapontos**, Itajaí, v. 3, n. 2, p. 283-296, maio/ago. 2003. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/725>

VIGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 103-117.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**. Vol III: Problemas del desarrollo de la psique. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2012a.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**. Vol IV: Paidología del adolescente/Problemas de la psicología infantil. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2012b.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**. Vol II: Pensamiento y Lenguaje/Conferencias sobre Psicología. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2014.